PROSA E POESIA NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM

Vaneide Lima Silva

MICHELETTI, Guaraciaba (Coord.) *Leitura e Construção do Real: o lugar da poesia e da ficção*. São Paulo: Cortez, 2000. 128 p.

Os estudos de língua têm sido influenciados nas últimas décadas pela consolidação das várias correntes da Lingüística, que apontaram e continuam apontando para a necessidade de se redimensionar o ensino de língua materna, começando inclusive pela própria concepção de língua. Esta necessidade se justifica pelo fato de serem poucos os professores conscientes de que não adianta mais pautar o ensino da língua no mero estudo da gramática tradicional, pois a concepção de língua subjacente a esta prática já se revela um pouco ultrapassada. A língua não é um quadro formado por enunciados já organizados e prontos para serem descritos, como sempre se acreditou. A língua é muito mais que isso. De acordo com Luiz Francisco Dias "a língua deve ser apreendida no trabalho que desenvolvemos para que o nosso discurso funcione".[1] Neste sentido, a língua deve ser compreendida como trabalho, construção e não mera descrição de enunciados.

Essa nova maneira de conceber a língua exige de nós, professores de língua portuguesa, uma nova postura, porque com o ensino da gramática tradicional sempre se privilegiou o ensino de uma língua padrão, o domínio de uma norma culta e, sobretudo, escrita. A idéia que se tinha era de que aprender língua portuguesa era aprender a escrever e, conseqüentemente, a falar bem, pois a fala era vista como um reflexo da escrita. Hoje sabemos que fala e escrita são modalidades distintas de realização da língua. Estamos certos, portanto, de que

[1] Comentário feito durante aula na disciplina Lingüística Aplicada ao Ensino de Língua Materna, oferecida no Curso de Especialização em Lingüística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa, do Departamento de Letras – UFPB – Campus II, 1998.

as mudanças que vêm ocorrendo com a concepção de língua têm forte repercussão na nossa prática de ensino, fazendo-se necessário a formação de um professor que possa pensar a língua a partir de uma dimensão mais ampla. Esse, ao meu ver, se constitui o grande desafio que enfrentamos hoje no ensino de língua materna.

Uma questão ainda bastante discutida para nós que trabalhamos com o texto, com a interação, com o problema das relações interculturais, por exemplo, diz respeito à noção de leitura. Não podemos encarar mais essa atividade dissociada da escrita, como sempre se costumou fazer, pois a leitura é uma etapa fundamental para a fase de escritura. Mas a nossa preocupação maior incide sobre o objeto de leitura: o texto, e, mais especificamente, o texto literário, pois acreditamos que a redefinição do ensino de língua portuguesa deva levar em consideração o ensino de literatura, que também se constitui objeto de reflexão.

Sabemos que o espaço reservado para o ensino da arte literária nas escolas é muito restrito e, no ensino médio, se limita apenas ao estudo da história da literatura. Não queremos negar a importância da abordagem desse aspecto, mas pensamos que centralizar a atenção única e exclusivamente aos estilos de época não é suficiente para que o aluno tenha um contato mais prazeroso com o texto literário e conheça pelo menos um número significativo de obras e autores da nossa tradição poética. Além disso, não podemos esquecer que o texto literário tem uma função relevante para o ensino, como aponta o crítico de literatura Antonio Candido. De acordo como ele, "A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, - o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica (esta apoteose matreira do óbvio, novamente em voga), ela age com um impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, - com altos e baixo, luzes e sombras."[2]. Não podemos esquecer também que o contato com o texto literário pode

[2] A respeito desse papel formador e humano da literatura veja artigo desse crítico intitulado "A literatura e a formação do homem", publicado na *Revista Ciência e Cultura*. São Paulo: vol. 24, setembro 1972.

contribuir significativamente para o desenvolvimento do gosto e incentivo à leitura.

A escassez de pesquisa e reflexão sobre metodologias adequadas ao trabalho com o texto literário se apresenta como uma das principais dificuldades no desenvolvimento de um trabalho mais efetivo com os gêneros poético e ficcional. Em pesquisa realizada com uma amiga na época da graduação, pudemos constatar que o modo como o livro didático aborda o texto literário e, especialmente a poesia, é limitado, resumindo-se à proposição de atividades mecanicistas e repetitivas, que não levam em consideração, na maioria das vezes, os elementos intrínsecos ao poema.[3]

Nesta mesma perspectiva, um grupo de pesquisadores coordenado por professores da Universidade de São Paulo desenvolveu um estudo que assume uma dimensão bem maior que o nosso: diagnosticar o modo como os textos eram lidos e trabalhados em escolas de primeiro grau. Além de ser uma pesquisa de maior fôlego, o trabalho não se limitou ao texto literário, mas estendeu-se a outros gêneros textuais.

Um dos aspectos que mais chama a atenção nesse trabalho coordenado por Ligia Chiappini, é a conclusão a que se chegou com essa pesquisa. Segundo a autora, o estudo revela que textos dos mais variados gêneros e funções distintas, verbais ou não verbais, poéticos ou não, são trabalhados nas escolas observadas de acordo com as sugestões dos manuais didáticos. Os exercícios propostos, por sua vez, leva alunos e professores "a leituras demasiadamente limitadas, pouco críticas e criativas, quando não totalmente inadequadas ou equivocadas, limitando também o conhecimento da realidade tematizada"(p. 8).

Esse posicionamento da autora frente aos manuais didáticos e a sua utilização vem reforçar a conclusão a que chegamos em nossa pesquisa sobre o modo como o poema e, por extensão certamente o texto em prosa é trabalhado no livro didático. Portanto, é preciso propor novas formas de abordagens para o texto literário nos livros didáticos e, conseqüentemente, em sala da aula, ou seja, necessitamos urgentemente redimensionar o ensino da literatura.

[3] Conclusões alcançadas a partir da seguinte pesquisa: PEREIRA, H. R. S. & SILVA, V. L. *Modos de Abordagem do Poema em Livros Didáticos de 7ª e 8ª Séries*. Campina Grande, 1996. (Inédito).

As descobertas e conclusões dessa primeira fase da pesquisa coordenada pela professora Ligia resultaram na publicação da seguinte trilogia: *Aprender e ensinar com textos*, São Paulo, Cortez, 1997: vol. 1: *Aprender e ensinar com textos de alunos*; vol. 2: *Aprender e ensinar com textos didáticos e para paradidático*; vol. 3: *Aprender e ensinar com textos não escolares.*

A pesquisa prosseguiu com a observação de aulas agora no ensino fundamental, médio e magistério. No nível médio, as pesquisadoras verificaram que "o ensino da literatura se limita, na maior parte das vezes, a traçar panoramas de tendências e escolas literárias, de modo esquemático e desconectado do trabalho analítico e interpretativo. O ensino da língua e da literatura se apresenta também de forma inteiramente separada e, se no ensino fundamental, quem conduz alunos e professores é o livro didático, no médio são as apostilas que nada mais são do que compilações de vários deles"(Chiappini, 2000, p. 8-9).

Tentando suprir essa deficiência no ensino de literatura e procurando atender aos pedidos dos professores das escolas pesquisadas, Ligia Chiappini e demais professoras trazem a público mais uma trilogia, dando continuidade à primeira: *Leitura e Construção do Real, o lugar da poesia e da ficção*; *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discursos político e divulgação científica;* além de *Outras linguagens na escola: publicidade, rádio, cinema-TV, jogos, informática*. Dos três livros, comentaremos o primeiro, *Leitura e Construção do Real, o lugar da poesia e da ficção*, que deve ser lido como uma referência e não uma receita, como adverte Ligia Chiappini, na sua apresentação. O livro oferece alguns exemplos de como se pode ler, analisar e interpretar diferentes textos, fornecendo aos professores "alguns instrumentos fundamentais para trabalhar a especificidade de cada um e as estratégias lingüísticas aí utilizadas" (p. 9).

O volume é coordenado por Guaraciaba Mecheletti, que inicialmente procura justificar o tema proposto ao livro: "A leitura como construção do texto e construção do real". A autora afirma que esse tema envolve dois grandes universos: o do texto e o do real, "os dois enlaçados no processo da leitura". De início, portanto, a questão que se coloca é a da leitura, atividade da qual brotará a construção do real. Tal atividade é encarada como um ato interativo e de compreensão de mundo, que torna o professor um mediador entre o texto e os alunos.

O livro é composto por duas partes que se subdividem em capítulos. A primeira aborda o trabalho com a poesia e a segunda com a narrativa. De acordo com a coordenadora geral e como se pode observar a partir da leitura dos textos trabalhados, os assuntos abordados se relacionam com o cotidiano dos alunos, critério que pode conduzir a uma identificação "e, mais facilmente, a uma leitura mais profunda". Em cada tipo de texto são estudadas "as estratégias lingüísticas específicas em que se tecem os valores extra-estéticos com os valores estéticos: significantes e significados, personagens e cenários, estruturas e ritmos, contradições e homologias, som e silêncio, imagens e palavras, bem como pontos de vista são inventariados para identificar a organização própria de cada texto, contrastando modos de formar e, conseqüentemente, modos de ver as realidades a que os textos se referem, recortando temas, delineando atitudes e explicitando ângulos dificilmente perceptíveis a uma leitura mais superficial" (p. 11). São analisados textos de Drummond, da Bíblia, de Alcântara Machado, de Jorge Miguel Marinho, passando por Machado de Assis e a notícia de jornal, pois "não apenas os textos literários são opacos e demandam um trabalho analítico e uma leitura ativa dos leitores-intérpretes na busca do sentido" (p. 11).

Especificamente na parte que é dedicada ao texto poético, "Construção, desconstrução e reconstrução na busca de significados no/do poema", as autoras tecem comentários a respeito do lugar ocupado por esse gênero na escola e com base em observações relatadas em pesquisas anteriores afirmam que a poesia sempre esteve em segundo plano no contexto da sala de aula. Em seguida passam a enumerar as razões que levam os professores a não trabalharem com o poema, devido sobretudo ao grau de dificuldade para interpretação desse gênero poético, para depois mostrarem as possibilidades e necessidade de se abordar o gênero no espaço da sala de aula.

As autoras deixam claro que se não há um ambiente propício e um mínimo de espaço para leitura do poema, é preciso que o professor se disponha a criar esse espaço, começando até com aquele texto que se encontra no livro didático mesmo. O importante mesmo é levar o aluno a ter um mínimo contato com a poesia.

"Ler, analisar e interpretar". Esse é o percurso metodológico seguido e sugerido pelas autoras na atividade de leitura e/ou leituras com o poema, que será trabalhado a partir de sua materialidade, ou

seja, de acordo "com os elementos lingüísticos que o compõem, aliados à sua presença diante do leitor e ao espaço que ocupa na página em branco" (p.25).

A análise dos poemas desenvolvida pelas autoras é precedida por uma sucinta apresentação dos extratos lingüísticos ou aspectos relacionados à constituição do poema que ao professor é imprescindível o seu conhecimento: aspectos visuais, extratos fonológico ou sonoro, morfossintático e semântico. A explicação desses extratos é feita através de exemplos, com a exposição de trechos de poemas que ilustram cada aspecto elencado.

Finalmente chegamos aos poemas trabalhados, que são: "Eu, etiqueta", de Carlos Drummond de Andrade, e "Ritmo", de Mario Quintana. A análise dos dois poemas é iniciada a partir das idéias que seus títulos sugerem. Em seguida, buscam a confirmação dessas idéias nos poemas, atentando, sobretudo, para os sentidos do léxico utilizado pelos poetas para construção dos poemas. Há, portanto, um certo exagero na maneira como elas se apegam aos elementos lingüísticos que os constituem, evidenciando, assim, um formalismo que compromete um pouco o trabalho analítico desenvolvido.

A idéia de aproveitar a presença da intertextualidade para se trabalhada em séries mais avançadas é muito boa. Mas acredito que esse trabalho deva ir mais além do que servir para permitir "que falemos sobre os modelos ou as formas peculiares de organização que cada tipo de texto apresenta" (p. 46).

É preciso ter o cuidado também para que não incorramos no mesmo erro do livro didático, que toma o texto literário como pretexto para estudo de determinados aspectos da língua. A proposta de produzir um texto (com o é sugerido na página 50, por exemplo) assemelha-se bastante das sugestões dos livros didáticos. Essa proposta parece querer dar uma justificativa pela utilização do poema em sala de aula, quando na verdade só o trabalho de leitura em si já dispensaria qualquer outro tipo de atividade, desde, é claro, que se promova condições de leitura que possam agradar e favorecer um contato prazeroso entre o aluno e o texto literário.

Diferentemente do que ocorre com a poesia, a porta de entrada utilizada pelas autoras para abordar as narrativas analisadas por elas não é título, uma vez que este pode se mostrar intrigante, mas de difícil compreensão num primeiro contato, como elas afirmam.

A primeira narrativa analisada é um conto de Antônio Alcântara Machado: "Apólogo brasileiro sem véu de alegoria", cujo assunto abordado será o mesmo da segunda narrativa estudada: uma notícia de jornal. As autoras fazem, portanto, um estudo comparativo entre os dois textos em prosa, pautadas também, assim como ocorre com a análise dos poemas, nos elementos estruturadores e específicos desse gênero literário.

Gostaríamos de chamar a atenção para uma sugestão de atividade apresentadas pelas autoras a partir de um fragmento do conto:

> O professor pode aproveitar esse fragmento, o primeiro (e depois outros segmentos de sua escolha) para demonstrar os modos de organização do discurso: descrição, narração e dissertação. O texto se inicia como narrativa: os verbos estão no pretérito perfeito, e segue com uma descrição até o final do fragmento, com a predominância de verbos no pretérito imperfeito. (p. 76).

A título de reflexão, pergunto: que contribuição essa atividade acrescenta ao ensino da literatura? Será que o texto literário aqui não assume mero caráter ilustrativo?

Em relação à proposta de comparar o texto em prosa com outro não literário, como fazem as autoras, acredito que a comparação com outro texto literário seria uma atividade mais enriquecedora, uma vez que o aluno estaria, dessa forma, tendo contato com outros elementos estéticos e isso ampliaria a sua experiência de leitura. Além disso, creio que um diálogo entre a literatura e a vida não se faz apenas comparando um texto literário com outro não literário, até porque não devemos esquecer que as situações representadas nos textos literários são criadas com base na realidade, ou seja, os textos retratam, na grande maioria, situações humanas, sejam em forma de poesia ou de ficção.

Apesar dessas pequenas ressalvas, acredito que o trabalho coordenado por Guaraciaba Micheletti é um ponto de partida para aqueles que se interessam pela reflexão e se preocupam com a metodologia do ensino da literatura em sala de aula. As sugestões de atividades propostas fogem um pouco do que o livro didático propõe (como vi-

mos inicialmente, os livros didáticos fazem uma abordagem bastante utilitarista do texto literário). O percurso metodológico seguido pelas autoras para analisar os textos nos revela algo que é de fundamental importância e que os manuais de ensino não fazem: devemos partir dos textos, isto é, de seus elementos intrínsecos, num movimento que vai do todo para a parte e da parte para o todo. Fica evidente também que o professor deve ter um mínimo de conhecimento e domínio de teoria e análise literária. Esse é, aliás, um dos desafios que tem que ser enfrentado no ensino da literatura. Além disso, a leitura do livro nos mostra que é possível realizar um trabalho de cunho analítico-interpretativo com a poesia e a prosa em sala de aula, espaço (por que não?) de encontro e contato mais íntimo com tais gêneros literários.